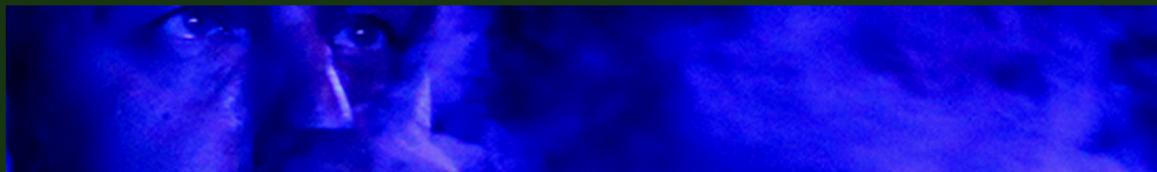


EDITORIAL V.16 Nº1

Mantendo o compromisso com as publicações trimestrais, a Revista Educação, Artes e Inclusão apresenta a sua **primeira edição de 2020, v.16 nº1**, que conta com **10 artigos acadêmicos, 1 relato de experiência e 1 entrevista**. Ressaltamos que em mais uma edição, destaca-se a profusão de trabalhos relacionados a temática da inclusão e educação inclusiva, tantos nos artigos, quanto no relato e entrevista. Alegra-nos continuamente ter nosso período reconhecido como espaço para divulgação das reflexões pertinentes ao tema da inclusão e constituir-nos enquanto repositório para pesquisas sobre esta temática.

A primeira parte desta edição conta com três artigos relacionados ao tema da arte, educação artística e cultura visual. O primeiro artigo, intitulado “**Narrativas de investigação e formação em educação artística no ensino superior: escrita dialógica em devir**”, das autoras Ana Paula Caetano, Ana Luísa Paz, Ana Rocha e Clara Marques, propõe “produzir e analisar narrativas sobre experiências de escrita no ensino superior universitário, explorando e ampliando práticas de escrita narrativa dialógica”. As autoras evidenciam que “por escrita dialógica, as pretende-se frisar as potencialidades da construção de um texto que seja poliédrica, não hierarquizada, mas suficientemente fragmentada e entrecruzada para poder ser o reflexo de cada uma das autoras”. Além disso, o artigo organiza as narrativas por temas, numa sucessão dialógica de textos de autoria individual, onde se mesclam discursos em prosa e poesia, comentados dialeticamente em textos conjuntos e posteriormente interpretadas do ponto de vista da formação e da investigação.

O segundo artigo deste primeiro bloco intitula-se “**No canto do mundo do capital: sobre experiência, educação e arte**” e tem autoria de Lislaine Sirsi Cansi, da Universidade Federal de Pelotas. O referido artigo apresenta uma discussão a partir de uma prática permeada pelo conceito de experiência e pela sensibilidade. Para isso, o conceito de experiência é revisitado em autores como Jorge Larrosa (2015), Walter Benjamin (1994) e John Dewey (2010; 2011) e a “educação (do) sensível” é fundamentada a partir da reflexão de João Francisco Duarte Júnior (2010), voltada aos campos da Educação e da Arte. A autora destaca ainda que



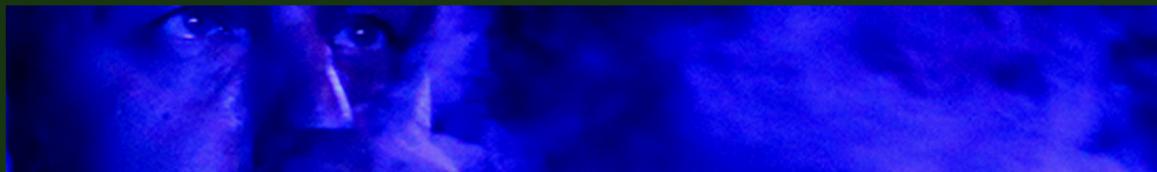
“essa discussão, será estabelecida à prática uma relação teórico-reflexiva que a aponte como “experiência”.

O terceiro artigo, com texto em espanhol, chama-se **“Conversaciones hipervisuales, esbozos de una tecnología social para la educación de la cultura visual”**, foi produzido por Juan Sebastián Ospina e Alice Fátima Martins, da Universidade Federal de Goiás, e apresenta relatos e reflexões sobre as possibilidades de transformar as conversações hipervisuais - abordagem metodológica desenvolvida na tese “Conversações Hipervisuais: vamos falar sobre olhares masculinizados?” - em uma tecnologia social acoplável à educação da cultura visual. O autor e autora evidenciam que o objetivo principal do estudo residiu em analisar as circunstâncias e estratégias de desconstrução dos olhares e visualidades masculinizadas, isto por meio de conversações, exercícios de memória e narrativas audiovisuais produzidas pelas e pelos participantes da pesquisa, na sua maioria estudantes da Universidade Federal de Goiás.

Num bloco intermediário (e de transição) desta edição, temos dois artigos oriundos da área da matemática - que nos alegra e chama atenção, por destacar o caráter interdisciplinar dos debates promovidos por este periódico.

O quarto artigo desta edição, versa tanto sobre educação matemática quanto sobre um tema muito caro à perspectiva freireana - que adotamos enquanto importante referencial pedagógico deste periódico -, que é a educação do campo. O artigo intitula-se **“Educação matemática: uma experiência da escola do campo”** e foi escrito por Paulo Marcos Ferreira Andrade, que atua na SEDUC do Mato Grosso e SEMEC de Barra dos Bugres/MT. O trabalho relata uma experiência de ensino de matemática que envolve os conceitos de número, numeral e a compreensão do sistema monetário, por meio de atividades ligadas ao cotidiano dos aprendizes. Compreendendo que a etnomatemática, seja de fato a concepção multicultural e holística da educação, tem-se como objetivo principal evidenciar por meio da pesquisa exploratória o jeito de fazer educação matemática na educação do campo, na experiência de uma turma multisseriada de alfabetização, vivenciando a experiência da escola do campo.

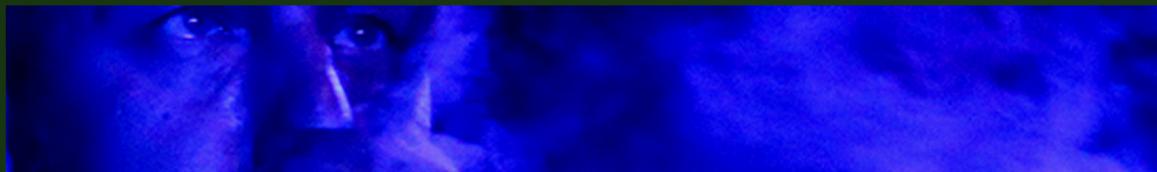
O quinto artigo desta edição, também vai versar sobre experiências da educação matemática, mas já abre caminho para os debates acerca da inclusão/



educação inclusiva, que é o mote principal dos trabalhos que se seguem. Neste artigo, intitulado **“A matemática no PIBID interdisciplinar: educação inclusiva”**, Jurema Lindote Botelho Peixoto, Cristiane Andrade Fernandes e Wolney Gomes Almeida, vão abordar a organização do trabalho pedagógico do subprojeto Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) Interdisciplinar, na área de Matemática, no contexto da educação inclusiva, no período de 2016 a 2018. As autoras e o autor evidenciam que “as ações proporcionaram a reflexão/problematização sobre os aportes da educação especial na perspectiva inclusiva, ressaltando a importância de (re)conhecer as potencialidades dos diversos estudantes na escola básica. Destaca-se, ainda, a importância da interação da Matemática com outras áreas de conhecimento para o planejamento e enfrentamento da realidade no contexto inclusivo”.

Iniciando o bloco de trabalhos diretamente relacionados à temática da inclusão e educação inclusiva, temos o sexto artigo desta edição, intitulado **“Contribuição de atividade experimental na mudança conceitual de alunos superdotados”**, com autoria de Felipe Rodrigues Martins, Cristina Maria Carvalho Delou e Fernanda Serpa Cardoso. O trabalho tem como objetivo avaliar uma atividade pedagógica envolvendo experimentos químicos como ferramenta de atendimento à alunos superdotados. Segundo as autoras e o autor, “a transcrição de algumas respostas dos questionários ratifica a proposição de que a atividade experimental mediada pelo professor pode tanto promover a mudança conceitual como a apropriação de novos conceitos. Tal mudança corrobora para a desconstrução do mito de que o indivíduo superdotado não necessita de atendimento”.

O sétimo artigo, intitulado **“O som do silêncio: vibrações da música no desenvolvimento sociocultural da criança com espectro autista”**, foi produzido pelas autoras Garbareth Edianne Mattos, Rita Buzzi Rausch e Amanda Lang e apresenta uma análise da música no desenvolvimento sociocultural da criança com espectro autista, partindo das experiências e inquietações das pesquisadoras em relação a esta temática no contexto educativo da Educação Infantil. A pesquisa tem um caráter qualitativo, de cunho teórico, mas que também apresenta sugestões práticas de como regular o espaço com música para criança com espectro autista.

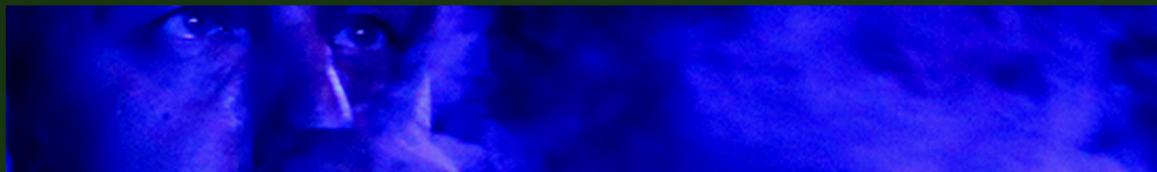


As autoras destacam que, nesta pesquisa, “desvela-se a importância de pensar em práticas educativas para crianças com espectro autista, enfatizando uma inclusão mais humanizadora, crítica e consciente por meio da educação musical”.

O oitavo artigo desta edição foi produzido por Rodrigo Lemos Soares e Ariana Souza Cavalheiro e tem como título **“Entre corpos e interdições: discutindo sexualidades dos sujeitos com deficiência física e/ ou cognitiva”**. Neste sentido, o trabalho busca discutir sobre noções de sexualidade narradas por sujeitos responsáveis por pessoas com deficiência física e/ ou cognitiva. A autora e autor ressaltam que “segundo as análises dos materiais percebemos que a sexualidade dos sujeitos com deficiência física e/ ou cognitiva, para além de silenciada é invisibilizada e quando discutida aparece de forma infantilizada sempre vigiada, seja por professores(as) e responsáveis, na tentativa de reprimir as manifestações de desejos que os sujeitos venham a apresentar, principalmente nos ambientes coletivos”.

Pensando outro aspecto a sociabilidade da pessoa com deficiência, o nono artigo desta edição vai versar sobre mercado de trabalho, tendo como título **“Inserção e permanência de surdos no mundo do trabalho: estudo exploratório em empresas de um município do centro-oeste goiano”**, tendo autoria compartilhada de Rosângela Lopes Borges, Jones Reis de Almeida e Tainá de Sousa Siqueira. O estudo busca identificar quais as dificuldades que os surdos encontram para se inserirem no mundo do trabalho. Nesse sentido, destaca-se que “a análise dos dados se deu de maneira discursiva, tendo uma abordagem qualitativa, sendo possível evidenciar que existem barreiras antes e após a inclusão do surdo no mercado de trabalho, pois esses indivíduos não recebem o auxílio e orientação necessária para a sua inserção e permanência nessa empresa”.

Encerrando o bloco de artigos desta edição, temos o décimo artigo, intitulado **“Atendimento educacional especializado para microcefalia: uma reflexão para educação inclusiva”**, com autoria de Simone Regina Alves de Freitas Barros e Pedro Henrique Falcão. O artigo propõe-se a analisar as ações acerca do processo de inclusão de crianças com microcefalia no ensino regular. A autora e autor destacam que “observou-se nos estudos que a inclusão escolar desses alunos perpassa por diversos problemas: inadequação do ambiente físico, falta de recursos



pedagógicos, materiais escolares necessários e profissionais especializados. Ainda constatou-se a necessidade dos municípios e estados definirem políticas educacionais que possam garantir desde a matrícula em creche e pré-escolas à oferta de Atendimento Educacional Especializado”.

Seguindo com a temática da educação inclusiva, temos o **relato de experiência** desta edição, que tem autoria de Cibele Silva de Aquino Costa, Danilo Arnaldo Briskievicz, Diego Norberto Souza, Enderson de Carvalho Gonçalves, Leila Mara Siqueira de Oliveira e Mariana Lopes de Almeida, para falar sobre **“O ensino da arte como facilitador da aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual numa escola da rede municipal de Belo Horizonte”**. O grupo de autores/as investigou as relações possíveis entre a estética e a educação a partir de um trabalho de campo desenvolvido no primeiro semestre de 2018, numa escola municipal do município de Belo Horizonte/MG, que atende alunos e alunas com deficiência intelectual com mais de dezoito anos. A partir da observação do cotidiano da escola e de sua pedagogia centrada nas atividades artísticas e culturais percebemos uma importante contribuição para a educação inclusiva na região metropolitana de Belo Horizonte/MG. Os resultados da pesquisa e da imersão no universo desta escola demonstram que a estética e a educação podem se servir mutuamente uma da outra, com ganhos expressivos na qualidade do ensino e do aprendizado.

Para finalizar esta edição especial, que abre nosso ano de publicações, temos a **entrevista com Karol Cordeiro**, narrando sua história de amor e luta pela inclusão através da arte. Karolina Cordeiro nos diz que é “geógrafa de formação, doula por missão e escritora por paixão”. Ela é mãe da Ana Júlia, do Pedro e da Giovana e fundadora do Projeto Angel Hair (cultura, arte, educação e inclusão), que leva apresentações itinerantes em escolas públicas de dança inclusiva e palestras em várias cidades do Brasil. Um projeto que surge justamente depois da descoberta de que seu filho Pedro desenvolveu uma síndrome rara chamada Aicardi-Goutières. Nesta entrevista, Karol nos conta os desafios e vitórias de uma mulher e mãe que transformou a experiência de ter um filho com deficiência em aprendizado e oportunidade de criar relações significativas e importantes para um mundo melhor.



É com a potência desses trabalhos, especialmente em seu afincamento de trabalhar com o tema da inclusão, que divulgamos a nossa primeira edição de 2020. Esperamos que seja o prenúncio de um ano forte e potencializador, mesmo diante das adversidades que se apontam à educação pública, gratuita e de qualidade em nosso país. Estamos aqui, iniciando mais um ano e produzindo conteúdo acerca do que acreditamos. Que a “fumaçada” que ilustra a capa desta edição, seja a projeção da limpeza e empoderamento das forças ancestrais que nos constituem e conduzem; e que nos lembre que em tempos de fascismo e integralismo, nós resistimos e (re)existimos. Que venha 2020!

Equipe Editorial
Educação, Artes e Inclusão